

No túnel entre os imigrantes e a Era do Facebook

09-Set-2014

Alzira Jorri de Tomei Caro leitor. Você pode ser jovem. É até bom que seja e com isso não elimino os outros. Vamos entrar juntos num túnel do tempo. Quando os imigrantes chegaram ao Brasil, tantos deles instalando-se no Brás, saindo da Terra Nostra em busca de sobrevivência num país estranho, chegaram com ideais; a meu ver com muita coragem. Roupas precárias, pés no chão, fome, medo. Brasil: Admirável mundo novo, em linhas de Huxley. Permaneceram muito tempo dentro de navios, trazendo nas bagagens roupas, pertences pessoais, crianças fora e dentro da barriga, tradições, usos, costumes, sonhos, educação europeia. Vindo do velho continente, os povos tinham hábitos rotulados como antigos, elencando, para quem pode observá-los: privacidade, discricção, ética, honra dentre outras características que inexoravelmente formariam um cidadão pressupostamente adaptável. Sou obrigada a puxar aqui o breque de mão diante de vocábulos que caracterizam diferenças entre povos. Neta de espanhóis e italianos, opto por focar a Privacidade, fui moldada numa forma, não sei se certa ou errada, que apontava a vida particular dos indivíduos, sem a possibilidade de invasão. A vida alheia devia ser respeitadas, até que, digamos, por precaução. E os avós, nessa época eram ouvidos, seja por respeito à idade cronológica, seja por hierarquia, seja por qualquer outro fator. As famílias tinham normas, regras básicas de conduta que deviam ser cumpridas. Durante as refeições, as famílias se reuniam e sentavam-se à mesa para dividir não só o pão, mas o cotidiano. Não se dava aos jovens ou crianças, o direito de questionar valores, de polemizar tradições e, indo até mais longe, mesmo sendo europeus, italianos e espanhóis não procuravam o mesmo espaço. Os cortiços no Brás, hoje vistos de forma pejorativa pela sociedade moderna, recebiam, progressivamente e de forma seletiva os imigrantes. Seleção natural que separava Itália da Espanha, por passado político deixado lá, registrados em papel e na memória, ditos principalmente por contadores de história. Os portugueses também procuravam se agrupar, mas as competições, de um modo geral, eram mais fortemente trabalhadas nesses dois países. Assim, minha geração, digamos que dos anos 50 para frente, foram vivenciando e obedecendo regras impostas enquanto o tempo foi delineando o desenvolvimento sociocultural das famílias. Novas gerações foram chegando e as linguagens e linhagens foram aceitando novas formas; maneiras diferentes de se ver o mundo foram sendo cobradas e por que não dizer impostas pelos sucessores dos imigrantes de base. Pergunto ao leitor deste artigo, que me dedica seu tempo processando essas informações, como podemos, descendentes e herdeiros das tradições chamadas “obedientes”, viver em paz e sem conflitos diante da tecnologia e informatização que, rasgando o túnel do tempo em busca da liberdade sem fronteiras, sem limites, sem parâmetros e sem destino, aceitar a nova era que invade a privacidade dos mais velhos, que afronta a cidadania e o bem estar público, que desfavorece os dogmas e parte as tradições em milhões de pedaços, permitindo que um programa de computador, por exemplo o FACEBOOK (que não foi criado com tal intuito, abra as portas e as janelas das residências com publicações e informações privadas postadas com fotos e comentários desnecessários. Os não adeptos às redes são marginalizados e vistos, à distância, como “cidadão problema”. Assim: quem não tem sua vida pública declarada em redes, fica à parte. Felizmente a tecnologia favorece o desenvolvimento das comunicações, o contato entre as pessoas é imediato, acontece sob o comando de alguns clicks. Contudo, essa comodidade nos afasta. Visitas familiares, outrora feitas aos domingos, sem metrô foram extintas; tudo é feito por redes. Contatos físicos então, iniciam a partir do “mouse”. Valoriza-se a carne e aparência física, incentivada e estimulada pela mídia que passa a determinar padrões de medidas, dando-se o direito de conceituar O QUE É BELO. A alma, quando não abordada em templos religiosos, é mencionada rapidamente em aulas de Filosofia. E dá-se por feliz o docente que, se capacitado, é compreendido, pois a preocupação da galera são os aplicativos do “celu”. Quem não estiver integrado hoje ao FACE está “por fora”, não existe, não tem número, não é identificado, está em déficit social. Desta forma, abro passagem para Mário Quintana (1906-1994) que confirmou, com simplicidade e delicadeza em poema, a quebra de paradigmas da nova geração em busca de verdades fora de seu ninho. O velho poeta (do livro Preparativos de Viagem) "Um dia o meu cavalo voltará sozinho

E assumindo

Sem saber

A minha própria imagem e semelhança

Ele virá ler

Como sempre

Neste mesmo café

O nosso jornal de cada dia

- inteiramente alheio ao murmurar das gentes..." Alzira Jorri de Tomei, brasense, 57 anos, é Docente na Universidade Nove de Julho, formada em Letras, Direito e Gestão Administrativa e especialista em Psicopedagogia.